

# Da lei da morte libertando...

por Paulo Mendes Pinto

Figuras do Mundo da Morte, num túmulo do séc. II d.C., actualmente no Museu de Damasco



Os mitos multiplicaram-se. As narrativas complexificam-se e os cleros consolidam-se. Inanna, Marduk, Baal, Melkart, Adonai e Javé são alguns dos momentos marcantes na construção das ideias centrais no mundo das religiões do Mediterrâneo. Mais que cultos, nestas realidades temos a construção dos próprios conceitos de divino, de deus, de salvação.

Neste percurso, que nos levará da Pré-História aos séculos em que emerge a nossa Era, os grandes deuses são depurações de ideias que resultam de milhares de anos a contemplar as estrelas à noite. Ao chegar próximo do nascimento dos monoteísmos, um deus já é um legado cultural muito além do que nos permite a leitura imediata das suas narrativas.

Nesse momento, uma divindade já não é ela mesma, é afinção de necessidades, de receios e de medos, mas também de desejos e de sonhos.

Paulo Mendes Pinto

## 5 de Janeiro

**A nostalgia do paraíso:  
o imaginário de um tempo sem trabalho  
e sem sofrimento**

## 12 de Janeiro

**Cleros, hierarquias e reis:  
o caminho para a sociedade do Bronze**

## 19 de Janeiro

**Nacionalismos, ecologia e salvação:  
o nascimento do indivíduo na Idade  
do Ferro**

## 26 de Janeiro

**Baal e El, ou Adonai, Eloim e Adonis:  
a junção eficaz das definições do divino**

Possivelmente, há já alguns milhares de anos que somos o que hoje temos à nossa frente. Fisicamente, esta forma com que nos gostamos de designar enquanto duplamente sábios, *sapiens sapiens*, terá

uns 200.000 anos. Há uns 40.000 anos que enterramos os mortos com flores. Nos últimos 5.000 anos fomos-nos “da lei da morte libertando”, desenvolvendo um conjunto de mitologias e de raciocínios que nos levou à imortalidade e a todo um grupo de crenças que hoje nos estruturam o pensamento.

Com a passagem ao Neolítico, ganhámos a nostalgia dos tempos anteriores que apelidámos de paradisíacos. O trabalho do cereal possibilitou um crescimento populacional, mas implicou uma “domesticação” que não foi apenas dos animais à nossa volta, também foi de nós próprios.

A partir desse momento, sempre buscámos o inalcançável. Seja nas mitologias da Suméria onde a Condição Humana nos surge quase ao nível do desumano, seja na Babilónia onde se começa a esquiçar uma ecologia em que tudo está interligado e dependente de uma imensamente marcante Criação.

## 5 de Janeiro

**A nostalgia do paraíso: o imaginário de  
um tempo sem trabalho e sem sofrimento**

Alguns dos textos antigos mais interessantes em termos do que de mentalidade nos possibilitam aceder, apresentam a marca de um tempo perdido, de um Éden ou de um Paraíso, uma fase ou uma época em que tudo fora perfeito, num equilíbrio entre Homem, Divindades e Natureza nunca mais conseguido.

Defendemos que esses locais míticos são exactamente isso, mitos e, dessa forma, o valor que apresentam não é meramente arqueológico, mas sim de valoração. Pouco interessa saber se a um eventual Éden correspondeu algum campo de excepcional fertilidade em que algumas comunidades viveram, mas sim, perceber de que forma milhões de Homens, depois, criaram o seu imaginário em cima dessa imagem.

QUARTAS-FEIRAS 5, 12, 19, 26 DE JANEIRO DE 2011 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

Estes espaços de perfeição articulam-se com a própria concepção de Humanidade, com a Condição Humana. Desde os textos sumérios até aos gregos, é clara a ideia de degenerescência nestes textos de origens. Para os Sumérios, o Homem fora criado para trabalhar e para sofrer; na Bíblia a narrativa assenta nesse mesmo imaginário; no Mito das Cinco Idades, de Hesíodo, na cultura grega, a ideia de crescente falha está também presente.

Contudo, as *nuances* nestes textos mitológicos são variadas. Passaremos o nosso olhar pela Epopeia de Gilgamesh e veremos como o Rei de Uruk ambiciona uma certa imortalidade, um certo regresso a um tempo e um espaço fora dessa condição humana. Mas seria Gilgamesh humano ou deus?

Veremos no texto bíblico como na ambiguidade de Adão ser o homem Adão ou ser o Homem se jogará grande parte da Teologia dos séculos seguintes, culminando na ideia de Pecado Original. No caso do Mito das Cinco Idades, veremos, quase como em chave de leitura dos textos anteriores, como se fundem esses espaços paradisíacos num tempo sem tempo. Um tempo que não é cronológico, mas sim de natureza. De espaço de um Éden perdido, as narrativas sobre lugares perfeitos vai-se mudando para a recompensa futura, o Céu, os Campos Elíseos, o lugar dos justos ou dos heróis.

Não admira que de espaço de afirmação de uma Condição Humana quase sub-humana, em que o trabalho é o sofrimento, se tenha evoluído para a Utopia. Seja em Platão com a Atlântida, seja em Homero com a Ilha dos Feaces, não mais o nosso pensamento utópico deixou de contemplar esses espaços perfeitos como matriz.

Recriado o mito em inúmeras narrativas, regressamos ao equacionar dos textos mais antigos, tentando perceber o que é, afinal um lugar perfeito mas, ao mesmo tempo perdido. No fundo, é um espaço de “passado” ou de “futuro”?

Paulo Mendes Pinto é Director da Licenciatura e do Mestrado em Ciência das Religiões na Universidade Lusófona. Trabalha em torno da mitologia do

Mediterrâneo Antigo, especialmente Suméria, Babilónia e Canaã. Actualmente, dirige o projecto *Inquérito à Cultura Religiosa em Portugal*, apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

---

**QUARTAS-FEIRAS 5, 12, 19, 26 DE JANEIRO DE 2011 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO**

---